



4 MASSAS

ORGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

Manifesto do Partido Operário Revolucionário

Greve nacional dos petroleiros ACABAR COM A POLÍTICA DE PRIVATIZAÇÃO DE BOLSONARO

4 de fevereiro de 2020

A greve iniciada no dia 1o de fevereiro saiu em defesa do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) e contra o fechamento da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná (Fafen-PR). Indica que a ofensiva privatizante e entreguista de Bolsonaro-Guedes-Castello Branco se agudiza. O plano de venda em partes da Petrobrás, fechamento de fábricas e leilões do pré-sal está sendo posto em prática pelo governo antinacional e antipopular.

Desde o governo de Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, a burguesia e o imperialismo vem conseguindo, gradativamente, impor a privatização e a desnacionalização dos recursos petrolíferos e da Petrobrás. Os monopólios e o capital financeiro necessitam apropriar-se desse ramo estratégico para a economia mundial. Os interesses do imperialismo são tão cruciais que os Estados Unidos tornaram o Oriente Médio em arena de guerra permanente. E mantêm um brutal cerco econômico e político em torno da Venezuela.

A burguesia brasileira e seu governo cedem ao imperialismo sem resistência. Nem mesmo o governo do PT, que havia se erguido empunhando a bandeira da soberania na-

cional, foi capaz de resistir.

Ninguém desconhece que as fontes de energia e a indústria que as transforma são estratégicas para as potências, tendo à frente o imperialismo norte-americano. Uma das condições da real soberania está em nacionalizar ou manter nacionalizadas essas fontes, sua industrialização e distribuição.

A burguesia brasileira e seu governo cedem ao imperialismo sem resistência. Nem mesmo o governo do PT, que havia se erguido empunhando a bandeira da soberania nacional, foi capaz de resistir.

Ninguém desconhece que as fontes de energia e a indústria que as transforma são estratégicas para as potências, tendo à frente o imperialismo norte-americano. Uma das condições da real soberania está em nacionalizar ou manter nacionalizadas essas fontes, sua industrialização e distribuição.

O nacionalismo burguês chegou a dar um passo nesse sentido com a criação da Petrobrás, mas não foi capaz de ir adiante. Não teve como sustentar a nacionalização do petróleo, dando lugar a uma reversão, que coube aos governos democratizantes pós-ditadura militar iniciá-la com o plano de Fernando Henrique Cardoso de romper o monopólio da Petrobrás sobre os recursos petrolíferos e a industrialização.

É importante lembrar a greve dos petroleiros de 1995, iniciada em 3 de maio e suspensa pela FUP em 2 de junho. Na ocasião, Lula se projetava como candidato do PT, e influenciou para que a direção da FUP pusesse fim ao movimento. A greve petroleira de 1995 foi um marco da luta contra as privatizações e desnacionalizações. Por isso, incorporou os trabalhadores eletricitários, da telefonia e correios.

O sistema nacional de telefonia foi inteiramente entregue aos monopólios privados, a Eletrobrás está na listas das privatizações do atual governo, bem como os correios. É importante ter claro que a greve dos petroleiros contra as medidas de Bolsonaro-Guedes- Castello Branco está amparada na histórica resistência dos anos noventa.

O processo de privatização e desnacionalização se encontra em um estágio muito avançado. O que indica que as direções sindicais, a maior parte delas vinculada ao PT e aliados, como o PCdoB, têm grande responsabilidade, por se acomodarem aos governos desnacionalizantes.

A pressão dos acontecimentos exigiu que a FUP convocasse a greve, sendo seguida pela FNP. O movimento está diante de um governo francamente pró-imperialista, disposto a ir às últimas consequências para consagrar seu plano de privatização. Está colocada para as duas federações e para as centrais sindicais uma ação mais ampla, que não se restrinja aos petroleiros. Como em 1995, também os eletricitários e os correios estão com a corda no pescoço. Já no início da greve, está colocado um chamado aos eletricitários e correios a fortalecerem a greve.

A ampliação do movimento se refletirá em toda a classe operária, que está farta das reformas trabalhista e da Previdência. Os sindicatos metalúrgicos devem convocar as assembleias, tendo por objetivo se levantar contra o desemprego, as demissões e a implantação das contrarreformas de Temer-Bolsonaro. Se os metalúrgicos se mobilizarem, abrirá caminho para os demais sindicatos.

A privatização da Petrobrás é um problema de todos os trabalhadores. Os sindicatos e movimentos têm o dever de iniciar imediatamente uma campanha de apoio ativo. O mais forte e consistente apoio é aquele que também levanta as reivindicações gerais dos explorados.

Derrotar a ofensiva de Bolsonaro-Guedes-Castello, significa acabar com o governo pró-imperialista.

Os petroleiros iniciam um combate duro pela sobrevivência de suas fontes de trabalho e pela defesa da economia nacional. O fechamento da Fafen-PR resultará em mil postos de trabalho fechados. É necessário também lembrar do recente

fechamento da planta da Ford em São Bernardo do Campo. A burocracia sindical se negou a ocupar a fábrica e a mobilizar o conjunto dos metalúrgico. Essa traição custou muito caro ao movimento operário como um todo.

Neste momento, os petroleiros reagem ao fechamento da Fafen-PR e à quebra do acordo trabalhista. Está claro que a precarização das condições de trabalho é parte das contrarreformas de Temer-Bolsonaro.

A FUP e FNP não podem se manter separadas. A luta exige uma frente única de combate. Que estabeleçam, então, um plano de mobilização nacional, baseada em assembleias e

comitês de base. Que façam um chamado conjunto a todos os sindicatos e movimentos para que apoiem ativamente a greve dos petroleiros. É preciso ganhar as ruas. Assim, a greve se fortalecerá.

As bandeiras de fim das privatizações e reestatização sem indenização, sem dúvida, podem dar um norte geral no enfrentamento com o governo entreguista. A unificação dos explorados em torno à greve dos petroleiros é condição para recuperar os postos de trabalho da Fafen-PR, impor o cumprimento da acordo, interromper as privatizações e erguer uma frente única anti-imperialista.

Todo apoio à greve dos petroleiros!

**Abaixo o plano antinacional
e anti-operário
de Bolsonaro-Guedes.**